

## 25 anos do PPGE<sup>1</sup>

25 years of PPGE

Dermeval Saviani<sup>2</sup>

### Resumo

Nesta conferência, proferida no PPGE/UFSCar (Brasil), em 2001, o autor aborda o primeiro período de existência do Programa, isto é, a sua criação (1974-76), por meio de um convênio com a Fundação Carlos Chagas e a sua primeira crise (1977-78). Relata a sua experiência como primeiro coordenador do PPGE e destaca os aspectos inovadores que caracterizaram o projeto inicial, como a sua estrutura curricular, os objetivos das áreas de concentração e o próprio convênio com a Fundação Carlos Chagas.

**Palavras-chave:** PPGE/UFSCar. Pós-graduação em Educação. Fundação Carlos Chagas.

### Abstract

In this conference, which took place at UFSCar (Brazil) in 2001, the author addresses the first period of existence of the PPGE / UFSCar, that is, its creation (1974-76), through an agreement with the Carlos Chagas Foundation and its first crisis (1977-78). He reports on his experience as first coordinator and highlights the innovative aspects that characterized the initial project, such as its curricular structure, the objectives of the concentration areas and the agreement itself with the Carlos Chagas Foundation.

**Keywords:** Universidade Federal de São Carlos. Postgraduate Program in Education. Fundação Carlos Chagas.

Foi como professor do programa de pós-graduação em Filosofia da Educação do Instituto Educacional Piracicabano, hoje UNIMEP, que recebi professores da UFSCar<sup>3</sup> pela primeira vez. Aí nasceu o interesse em que eu viesse a colaborar com a UFSCar. O primeiro ensaio foi minha aceitação como professor visitante em uma disciplina de pós chamada Teoria da Educação Brasileira, que eu dava como especialização.

No segundo semestre de 1974, o convite já feito antes para que eu viesse para cá em tempo integral foi reiterado. Conversei com meus colegas da PUC-SP, expus a questão da distância entre São Carlos e capital, como seria complicado permanecer com minhas atividades e acrescentar a elas o trabalho na UFSCar.

---

<sup>1</sup> Conferência proferida no dia 20 de março de 2001 por ocasião das comemorações dos 25 anos do Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal de São Carlos, PPGE/UFSCar.

<sup>2</sup> Professor Emérito da UNICAMP, Pesquisador Emérito do CNPq.

<sup>3</sup> Universidade Federal de São Carlos.

Então acabamos concluindo que a experiência podia ser interessante. O professor Casemiro dos Reis Filho, que era um dos principais líderes na área da Educação da PUC-SP, inclusive mencionou que trabalhar em uma Universidade pública que era nova, caso da Federal, portanto sem os vícios das instituições mais antigas, apresentava perspectivas estimulantes. Nesse sentido achava que valia a pena aceitar o convite, fazer a experiência. Assim, pedi afastamento da PUC e assumi, a partir de agosto de 1975, contrato em tempo integral aqui nessa Universidade.

Ainda no segundo semestre de 75, a nova reitoria do professor Luiz Edmundo de Magalhães entendeu que a celebração de convênio era a forma mais acertada de viabilizar o início das atividades da pós-graduação. A UFSCar então firmou um convênio com a Fundação Carlos Chagas objetivando elaborar um projeto de pós-graduação em Educação para ser implementado no ano seguinte. Foi nomeada uma comissão com três membros da Fundação e três aqui da Universidade, estratégia do reitor para dar caráter bilateral à operação do convênio. Na verdade, a elaboração do projeto foi feita fundamentalmente pela equipe da Fundação Carlos Chagas em discussão comigo. Na prática, acabei assumindo essa responsabilidade já que do “nosso lado” apenas eu tinha titulação e experiência com pós-graduação.

Em março de 1976, quando o Programa se iniciou, não tive alternativa, dado ser o único doutor com experiência anterior em pós-graduação com dedicação integral na Universidade, senão assumir a coordenação. A Fundação Carlos Chagas participava como colaboradora, mas o Programa na verdade era da UFSCar e, portanto, a coordenação devia ser exercida por alguém daqui, presente em tempo integral.

A implantação ocorreu quase ao final de um período que costumo chamar de heroico na história da pós-graduação no Brasil, que vai de 1970 até, aproximadamente, 1975. Heroico porque na verdade não havia condições prévias mínimas para se implantar seriamente esses cursos. A implantação de inúmeros programas de pós-graduação deve-se muito ao forte espírito de dedicação e criatividade dos envolvidos.

Foi preciso providenciarmos nós mesmos as coisas aqui em São Carlos. Quando começamos a desenvolver o Programa não havia nenhuma estrutura. Por exemplo, para fornecer aos alunos declaração de que tinham vindo fazer prova de seleção ou inscrever-se, documento necessário para as instituições autorizarem as viagens, eu pegava minha maquininha portátil, datilografava, assinava e mandava. A primeira grande, enorme facilidade, ponto central do desenvolvimento do Programa, foi o deslocamento da Malu [Maria de Lourdes Bontempi Pizzi], que então secretariava o Departamento, para a secretaria do Programa de Pós-Graduação. Com ela como meu braço direito, fomos organizando a infraestrutura e dando início ao Programa.

Aí veio a questão, que é até objeto de um artigo publicado pela Maria Amélia Goldberg e eu na revista *Cadernos de Pesquisa*: “Universidade Federal de São Carlos: mais um programa de pós-graduação?” Nele argumentamos que o Programa tinha características inovadoras, como o seu nascimento, a partir de um convênio, porque até aquela altura não havia ainda programas em convênio, cada instituição tinha que por si preencher alguns requisitos de forma a iniciar o trabalho e aí obter credenciamento do Conselho Federal de Educação.

E nosso convênio, feito com uma fundação de pesquisas educacionais, uma instituição que não era universidade, foi outra inovação, porque pós-graduação enquanto ensino é algo peculiar das universidades. Mais um aspecto foi o fato dessa

implantação ter sido precedida de um projeto, conscientemente formulado, seguido de um plano operacional que se procurou seguir rigorosamente. Foram definidas como áreas de concentração Pesquisa Educacional e Planejamento de Ensino. De certa forma, propor como área de concentração a Pesquisa Educacional foi também uma inovação, embora tenha igualmente a ver com a Carlos Chagas ser uma fundação de pesquisa nesse campo.

Se a pesquisa é inerente a toda e qualquer pós-graduação, a pesquisa educacional o é para qualquer programa de pós-graduação em Educação. Ou: todo programa de pós-graduação em Educação deve ser de pesquisa educacional. A gente só define a área em que vai inserir essas pesquisas. Considerar a própria pesquisa educacional como área de concentração, então, soava meio estranho. Na outra área, Planejamento de Ensino, também não deixou de haver inovação, porque o que se quis foi evitar *programação* do ensino. Era importante que se formassem pessoas que tivessem competência em Planejamento de Ensino, ou seja, em como se planeja o desenvolvimento das atividades de ensino.

Na área de Educação há as tradicionalmente chamadas ciências auxiliares, e quando você lida com elas, por exemplo, com a Psicologia Educacional, com a Sociologia da Educação, com a História da Educação e assim por diante, vem a questão: o que se faz em Psicologia Educacional ou Sociologia da Educação é pesquisa educacional ou psicologia, sociologia? O objetivo era justamente precisar o campo da investigação científica da área de Educação e desenvolvê-lo dentro de áreas mais adequadamente fundamentadas.

No livro “Educação: do senso comum à consciência social”, exponho a necessidade de inversão do circuito com relação às abordagens predominantes no campo educacional. Ou seja, ao invés de ser ponto de passagem, que a Educação seja o ponto de partida e de chegada nas pesquisas. Que as necessidades educacionais determinem o que deve ser incorporado das contribuições que ciências auxiliares como Psicologia Educacional, Sociologia da Educação, História da Educação, etc. podem dar. Foi esse espírito que procuramos imprimir ao Programa de Pós-Graduação da UFSCar quando definimos Pesquisa Educacional como uma das áreas de concentração.

Outros pontos também implicaram inovação, como a organização por módulos e a forma de distinção entre os núcleos básico e avançado. O núcleo básico e o módulo 2 eram obrigatórios para todos os alunos. O módulo 2 era o primeiro do núcleo avançado. O 3 era optativo, os alunos escolhiam segundo seus interesses, o 4 concentrava as disciplinas da Pesquisa Educacional e o 5, as de Planejamento de Ensino. Havia ainda, como disciplina obrigatória. Estudos de Problemas Brasileiros. O mestrado tinha que ter pelo menos um crédito – 15 horas semestrais – de EPB, por uma exigência formal do poder, estranha ao projeto.

O primeiro módulo se compunha de Problemas da Educação Brasileira, Fundamentos de Filosofia e Metodologia da Ciência, como disciplinas articuladas à atividade Laboratório de Simulação e Solução de Problemas. Confesso que várias vezes comentei com aluno que para mim soava um pouco estranho falar de simulação, de solução de problemas com tantos problemas reais a enfrentar por aí. Posteriormente, um ajuste articulando mais fortemente o laboratório com a disciplina Problemas da Educação Brasileira o transformou em Laboratório de Busca de Solução dos Problemas da Educação Brasileira. O módulo 2 tinha como

disciplinas Metodologia da Pesquisa e Seminários de Orientação e Inserção no Mestrado, às quais correspondiam, obviamente, as atividades de elaboração da dissertação de mestrado. No módulo 3 estavam as disciplinas de embasamento teórico, as chamadas auxiliares da Educação, como História, Filosofia, Sociologia e Psicologia da Educação. A atividade correspondente era o fórum de debates, uma inovação interessante, inclusive pela forma como foi organizada embora não haja espaço para descrever aqui essa experiência. No módulo 4, tínhamos as disciplinas Estatística e Metodologia da Pesquisa 2 e a atividade Laboratório de Projetos de Pesquisa. No módulo 5, tínhamos Metodologia do Planejamento e Avaliação do Ensino, Medidas Educacionais e Tecnologia Educacional como disciplinas e, como atividade, Laboratório de Problemas de Ensino. O plano procurou articular os núcleos básico e avançado, as atividades e as disciplinas, os módulos e as áreas de concentração. Inclusive se recomendava, por exemplo, que os alunos de uma área escolhessem pelo menos uma disciplina da outra, para estabelecer relações para além daqueles grupos fechados tão comuns nas áreas de concentração.

Por último, uma inovação também a se destacar foi a seleção de caráter nacional para ingresso no Programa e o modo como ela foi organizada e implementada. Para divulgar a seleção nós pegamos, acho que a Malu se lembra bem disso, os endereços dos cursos de Pedagogia do país inteiro e mandamos os prospectos, as informações todas, de modo que puderam se candidatar ao Programa concluintes de graduação do país inteiro. A experiência da Fundação Carlos Chagas garantiu objetividade na elaboração do processo seletivo, integrado por provas de redação, entrevistas e avaliação geral. Mais uma inovação foi a abolição da carta de referência, então prática comum em todos os programas de pós-graduação. Tinha e tenho ainda a convicção de que essa recomendação não produz outro efeito senão criar constrangimento. Não ajuda na avaliação e acho que até atrapalha.

Bem, o ponto seguinte a comentar é sobre a implantação do Programa e a divisão de responsabilidades. Para a implantação contava-se com a colaboração dos pesquisadores da Fundação Carlos Chagas. A UFSCar não só tomou a iniciativa de firmar o convênio como contratou quatro pesquisadores da Carlos Chagas em regime de 24 horas semanais de trabalho. No início da implantação, os doutorados não existiam ainda e admitiam-se mestres atuando nos cursos de mestrado, desde que já estivessem com os doutorados em andamento, no Brasil ou no exterior.

O Programa começou a funcionar com o módulo 1 do núcleo básico. Tínhamos de oferecer duas disciplinas, além de EPB. A primeira disciplina do núcleo avançado, Metodologia da Pesquisa 1, começou a ser ministrada em 1976. Iniciamos com as disciplinas básicas obrigatórias para todos os alunos: Problemas da Educação Brasileira, Fundamentos em Filosofia e Metodologia da Ciência, Metodologia da Pesquisa 1 e Laboratório de Simulação e Solução de Problemas. O Laboratório de Simulação e Solução de Problemas ficou com duas professoras da Carlos Chagas, Maria Amélia Goldberg e Bernardete Gatti. Metodologia da Pesquisa 1 ficou com outras duas professoras da Fundação, Marília Andrade e Guiomar Namó de Mello. Problemas da Educação Brasileira eu assumi. Fundamentos de Filosofia e Metodologia da Ciência tive de assumir também, além da coordenação do Programa. O Programa começou com esse grupo de cinco docentes, sendo quatro da Fundação Carlos Chagas e eu.

Para consolidar o Programa era preciso contratar doutores. Propus, o Departamento examinou e aprovou a contratação das professoras Maria Luiza Santos Ribeiro e Miriam

Jorge Warde, em tempo integral, ambas mestres, ambas desenvolvendo doutorado. Preparamos esses mestres para que assumissem a pós-graduação. A Guiomar mestre trabalhou com a Marília doutora para poder se responsabilizar pela disciplina de Metodologia da Pesquisa. A Miriam trabalhou comigo em Fundamentos de Filosofia e Metodologia da Ciência e a Maria Luiza, em Problemas da Educação Brasileira, para, no ano seguinte, na medida em que concluíram os doutorados, assumirem essas disciplinas, liberando-me para as disciplinas em aberto no núcleo avançado, como Filosofia da Educação. Para Sociologia da Educação, no ano seguinte foi contratado o professor José Cláudio Barriguelli. Naquele momento a Maria Luiza pôde assumir a História da Educação, então eu assumi a Filosofia da Educação. Foi essa estrutura que nós pensamos.

Chegamos, então, ao último ponto que eu queria abordar e que denominei assim: “o Programa acaba vítima das suas próprias virtudes”. O projeto sofreu revezes durante o processo de institucionalização da UFSCar. Como universidade nova, a UFSCar tinha algumas coisas previstas no estatuto. Uma eram os Centros, que não estavam ainda implantados, o Centro de Educação e Ciências Humanas, o de Ciências Naturais etc. Assim que a pós-graduação foi implantada, cuidou-se de implantar os Centros. O reitor Luiz Edmundo me convidou para assumir a direção do Centro de Educação e Ciências Humanas. Questionei quem assumiria a coordenação do Programa e ele disse que era possível acumular as duas funções. Retruquei que coordenava o Programa e ministrava a maioria das disciplinas; como dirigir o Centro? Não havia alternativas? Ele confessou que tinha pensado convidar a professora Carolina<sup>4</sup>, de quem eu só tinha informações positivas, mas não sabia como a Fundação Carlos Chagas ia reagir. Disse que ele precisava tentar ver se ela aceitava. E, de fato, ele convidou e a professora Carolina aceitou e veio dirigir o Centro de Educação e Ciências Humanas.

Segundo o estatuto, é do diretor do Centro a responsabilidade pela pós-graduação. Definida a situação e tendo ela assumido a direção, coloquei meu cargo de coordenador à disposição. Ela imediatamente fez um documento para que eu continuasse na coordenação. O Programa estava funcionando, sua comissão de pós-graduação era integrada por um representante do Departamento de Fundamentos Científicos e Filosóficos da Educação, um do Departamento de Tecnologia Educacional e um da Carlos Chagas, além do coordenador, que a presidia.

No final de 77 aceitei um convite para estagiar na França, mas em lugar de pedir afastamento da UFSCar e ficar por um período maior, optei por usar minhas férias e ficar por lá por apenas dois meses. Viajei para Paris no dia 2 de dezembro e regressei no final de janeiro. Quando cheguei, algumas coisas estavam acontecendo, decisões tinham sido mudadas no interior da comissão, inclusive a distribuição de carga didática, e até mesmo a representação. Durante esse período de institucionalização da UFSCar, muitas decisões e medidas foram tomadas em outras instâncias sem levar em conta o projeto do Programa, sem examinar o que era melhor para o Programa. Foi então que as coisas começaram a atravessar. Afinal, a própria direção do Centro entendeu que não devia desconsiderar o encaminhamento enviado pela comissão de pós-graduação, e, portanto, a discussão da carga didática foi revertida. Mas a questão da representação permaneceu, além de uma série de coisas que tentamos discutir e encaminhar.

---

<sup>4</sup> Carolina Martuscelli Bori.

Ficou claro, nas circunstâncias, que o projeto elaborado para o Programa de Pós-Graduação não teria condições de ser encaminhado conforme o planejado, e que, portanto, estava possivelmente destinado à vala comum das experiências de pós-graduação feitas conforme a estrutura de poder estabelecida na instituição e de acordo com os interesses das várias pessoas nelas envolvidas. O projeto ia aparentemente ficar em segundo plano e seria aos poucos abandonado, como vinha acontecendo em várias instituições.

Começaram com o código, aí alguém decidiu o regimento, outras pessoas começaram a trabalhar e daí em diante sem preocupações com o projeto orgânico e muito menos com a implantação desse projeto. Diante desse quadro e tendo em vista que a discussão se revelou muito desfavorável à continuidade tanto do nosso trabalho quanto principalmente do projeto em implantação, decidi que não fazia sentido continuar. Solicitei então minha demissão da Universidade. A professora Miriam já havia solicitado a sua. No período, também a Fundação Carlos Chagas acabou rompendo o convênio.

O Programa conseguiu sobreviver com os quadros de que a UFSCar já dispunha. Depois sofreu uma reestruturação, ajustando-se à situação institucional, redefinindo as áreas de concentração segundo os Departamentos existentes. Assim, a área de Pesquisa deixou de existir e criou-se a área de Fundamentos da Educação, articulada com o Departamento de Fundamentos Científicos e Filosóficos da Educação. A área de Planejamento de Ensino também acabou e criou-se a de Tecnologia Educacional, articulada com o Departamento de Tecnologia Educacional. Com isso, o Programa se ajustou à estrutura da instituição e conseguiu recuperar-se da espécie de trauma que sofreu. Mas não sem sequelas, porque o Programa estava em seu segundo ano de funcionamento, em 1977, quando sofreu esse golpe. Foi no início de março de 1978 que ocorreram todas essas mudanças bruscas. Justo no início do terceiro ano, um período decisivo porque exatamente os alunos da primeira turma estavam entrando na fase de elaboração de suas dissertações, com o início da defesa, porque o prazo previsto era de três anos. E a segunda turma já se encontrava no meio desse processo.

Bem, concluindo, eu diria que o caráter inovador da implantação do Programa, apesar dos traumas e de algumas dúvidas ainda na fase de sua implantação, teve um impacto positivo na história da pós-graduação em Educação de um modo geral e, de um modo especial, na história da pós-graduação na UFSCar. Sobre a base daquela estrutura implantada o Programa se desenvolveu, adaptando-se depois às características gerais da Universidade, mas mantendo o alto nível de exigência qualitativa que caracterizou seu projeto original.

É uma grande alegria participar da comemoração desses 25 anos do Programa, tanto pelos laços históricos e afetivos que tenho com ele quanto pelo que o Programa representa no contexto da pós-graduação em Educação no Brasil hoje. Quero dizer que implantar um programa com as características deste foi um marco, pelo fato de ter sido numa Universidade pequena e, portanto, com maior margem de manobra tanto para o bem quanto para o mal. Esta implantação imprimiu uma marca que acredito ter dado fôlego aos que depois prosseguiram lutando pelo Programa em condições um tanto mais adversas, após a ruptura, e depois mais favoráveis, quando a situação se reestabilizou. Fôlego para manter aquele nível de qualidade que todos perseguimos para a Educação, de um modo geral, especialmente para a Educação pública do nosso sofrido país.